

# A RELAÇÃO *HOMEM-NATUREZA* EM JOSÉ MARTÍ<sup>1</sup>

*Eugênio Rezende de Carvalho\**

## ABSTRACT

The article offers a reflection on some basic concepts of the world's vision of the intellectual and hero of the Cuban independence, José Julián Martí y Pérez (1853-1895). It intends to investigate the harmonic and analogical character of the relationship between his ideas on the man, the culture and nature.

## INTRODUÇÃO

Vários estudiosos da extensa obra do escritor, intelectual e líder da independência cubana, José Julián Martí y Pérez (1853-1895), ressaltam a *iteração* ou *constância* como o elemento básico, característico e peculiar de sua escrita. Chama a atenção do leitor no conjunto de sua obra a forma com que sobressai um determinado número de conceitos bastante recorrentes. Verifica-se um certo nível de invariabilidade no uso de alguns termos, quase que independentemente do tipo e da forma do texto, do tema tratado, bem como do contexto e da época de produção. Por essa razão, consideramos que o estudo do uso

---

\*REZENDE, EUGÊNIO DE CARVALHO. Professor de História da América do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás – UFG.

martiano de alguns conceitos, por ele preferidos, pode abrir caminhos privilegiados para uma compreensão mais eficaz da visão de mundo deste que foi um dos intelectuais mais influentes no pensamento latino-americano do século XIX.

Uma vez focalizadas as Obras Completas de José Martí e selecionados aqueles fragmentos discursivos que fazem referência à sua visão de mundo, emergem de forma reiterada as seguintes *palavras-conceitos*: *unidade* (referida ao universo como um todo), *analogia*, *identidade*, *harmonia*, *homem* e *natureza*. Para nossa análise consideramos e nos apoiamos em algumas hipóteses: 1) as idéias ou conceitos de *homem* e *natureza* são os *referentes* fundamentais de sua visão de mundo; 2) sua cosmovisão está apoiada em um princípio filosófico que considera a *unicidade*, *identidade* e *analogia* entre os diversos fenômenos e elementos constitutivos do universo; 3) como decorrência do princípio anterior, todos esses elementos do universo, constituindo uma mesma unidade, mantêm entre si uma relação de *harmonia* e *equilíbrio*.

## O PRINCÍPIO DA UNIDADE DO UNIVERSO

*“Universo es palabra admirable, suma de toda  
filosofía: lo uno en lo diverso, lo diverso en lo uno”.*

José Martí (1884)

Começamos por apresentar a própria definição de *universo* que José Martí explicita em reiterados momentos e contextos de sua obra. Em um de seus apontamentos de juventude, da época do primeiro exílio na Espanha, refere-se pela primeira vez a uma idéia genérica de *universo* como “*reunión de todas las cosas*”. (21:56) Entretanto, tal definição aparece primeiramente num contexto das reflexões e apontamentos filosóficos do jovem estudante cubano sobre a existência da ciência ou filosofia *transcendental*, num contexto de suas reflexões metafísicas sobre a unidade material e espiritual do universo. Tende aí a considerar o

universo como a grande *síntese*, origem e fim de todas as coisas. Assim, em vários momentos, insiste na tese de um duplo movimento de *descenso* e *ascenso*. O primeiro parte da unidade em direção ao múltiplo; o segundo, de retorno, parte inversamente do diverso em direção à síntese integradora originária. Em alguns desses apontamentos de juventude, escreve:

*Todo, ascendiendo, se generaliza. - Todo, descendiendo, se hace múltiple. Reducir, concretar, es ascender. (19:441)<sup>2</sup>*

*Lo común es la síntesis de lo vario, y a lo uno han de ir las síntesis de todo lo común; todo se simplifica al ascender. (21:47)*

*Todo va a la unidad, todo a la síntesis, las esencias van a un ser; los existentes a lo existente: un padre es padre de muchos hijos: un tronco es asiento de infinitas ramas: un sol se vierte en inúmeros rayos: de lo uno sale en todo lo múltiple, y lo múltiple se refunde y se simplifica en todo en lo uno. (21:52)*

Poderíamos, aqui, listar inúmeras outras passagens, em variados contextos e épocas, em que essa noção de movimento ascensional em direção ao sintético reaparece em seus escritos. No momento, insistiremos apenas nos desdobramentos que propicia essa visão dinâmica do mundo. Em outros apontamentos e artigos jornalísticos do início dos anos 80, encontraremos reiteradamente a definição martiana de universo. Assim, em um escrito de 1882, encontramos: “*Para mí, la palabra Universo explica el Universo: Versus uni: lo vario en lo uno*”. (21:255) Em outro artigo para *El Partido Liberal*, do México, em 1887, escrevia: “*El Universo es lo universo. Y lo universo, lo uni-vario, es lo vario en lo uno*”. (11:164) Certa vez, inclusive, manifestou expressamente, em um de seus cadernos de apontamentos, o desejo de escrever um livro, muito embora admitisse que não disporia de tempo para fazê-lo, que teria como tema central “*El Universo, en lo vario y en lo uno...*” (18:291)

Entretanto, Martí deixa claro em um apontamento filosófico, provavelmente da época de estudante na Espanha, que sua interpretação abrangente do universo, visto como fonte de todo conhecimento, se diferencia da proposta do filósofo idealista alemão Schelling, que busca a

verdade fundamental a partir de uma hipotética *identidade universal*. Para o então jovem estudante cubano, se do *uno* deriva o *múltiplo*, como quer Schelling, isso não significa que cada uma das manifestações desse *múltiplo* represente em si *todo* o *uno*. A crítica se dirige exatamente contra essa fusão entre a parte e o todo, que, sendo idênticos, constituiriam a grande identidade universal, base filosófica do panteísmo do filósofo alemão. Para Martí, como pudemos constatar pelos diversos enunciados acima, o universo está longe de ser a reunião de coisas unas, idênticas. O que destrói essa impossível identidade seria, por exemplo, a “inevitável dualidade” e natureza distinta entre objeto pensado e sujeito pensante. (21:56-57) Assim, existem distintos gêneros de seres e coisas que, na sua variedade e especificidade, são partes constitutivas e constituintes da unidade do universo. Cada parte individual, na sua acidentalidade, leva em si o germe do essencial, do universal. Como teremos oportunidade de comprovar no transcórre deste trabalho, tal concepção martiana do universo como “unidade do diverso” terá desdobramentos e reflexos em seu modo de encarar outras instâncias e fenômenos, seja no âmbito da natureza ou das sociedades humanas.

Em seu artigo publicado no jornal *La Opinión Nacional* de Caracas, em 1882, sobre o filósofo transcendentalista norte-americano Ralph Waldo Emerson (1803-1882), na parte que aborda especificamente esse tema, retomará a mesma tese: “*El Universo, con ser múltiple, es uno...*” (13:26) Nesse mesmo texto, Martí se identifica com a tese emersoniana que associa essa unidade do universo com um “*Uno eterno*”, um “*Espíritu creador*” de todas as coisas. (13:24) Tal unidade se vê reforçada, aqui, pelo reconhecimento da existência de leis e verdades de caráter universal, aplicáveis tanto no plano físico quanto no espiritual e no moral. Portanto, a noção de unidade agora já não se refere, apenas, ao universo em sua manifestação material. Em um artigo para o jornal *La Nación*, de Buenos Aires, de 1885, escreve:

*Igual es el universo moral al universo material. Lo que es ley en el curso de un astro por el espacio, es ley en el desenvolvimiento de una idea por el cerebro. Todo es idéntico.* (10:197)

E aqui chegamos a uma outra característica da visão unificadora do universo de Martí, que tem muito que ver com sua postura ante o problema fundamental da filosofia, ou seja, ante as opções entre o materialismo e o idealismo. Martí critica a ambas como exageradas e assume uma posição dualista, na qual admite uma co-existência entre espírito e matéria, sem qualquer possibilidade de determinação. Para ele, tanto o elemento material quanto o espiritual são igualmente importantes e constituem a grande unidade universal. Citando Aristóteles e Platão como os representantes máximos das escolas física (que estuda o mundo tangível e que tem seu extremo na escola materialista) e metafísica (que se dedica ao estudo do intangível e que tem seu extremo na escola espiritualista), respectivamente, concluiu que “*Las dos unidas son la verdad: cada una aislada es sólo una parte de la verdad, que cae cuando no se ayuda de la otra*”. (19:361) Em um artigo para *La Opinión Nacional* de Caracas, em 1882, Martí escrevia:

*Que cada grano de materia traiga en sí un grano de espíritu, quiere decir que lo trae, mas no que la materia produjo el espíritu: quiere decir que coexisten, no que un elemento de este ser compuesto creó el otro elemento. ¡Y ése sí es el magnífico fenómeno repetido en todas las obras de la Naturaleza: la coexistencia, la interdependencia, la interrelación de la materia y el espíritu!* (23:317)

Nesse ponto vale a pena articular as relações entre o uso martiano das noções de *identidade* e *unidade* e em que medida são tratadas como sinônimas, ao menos quando se referem ao universo.

Tomemos a citação acima referida, em que afirma que “*Todo es idéntico*” (10:197). Aparentemente, tal afirmação contradiz a crítica martiana ao sistema da identidade universal de Schelling. Já vimos que Martí fundamenta sua argumentação afirmando exatamente que o universo não é a reunião de coisas *únicas, idênticas*. Entretanto, analisemos alguns usos martianos do termo identidade, no tocante ao universo como um todo.

Num artigo para *El Partido Liberal*, do México, em 1887, escreve:

*se necesita ser un ignorante cabal, como salen tantos de universidades*

y academias, para no reconocer la identidad del mundo. (11:242-243)

Porém, quais são os critérios constitutivos dessa identidade e em que se diferencia da noção de *unidade*? Em primeiro lugar, cabe esclarecer que seu vocabulário cosmológico está marcado pelo uso de um contraponto bastante recorrente entre *accidente* (peculiar e finito) e *essência* (permanente e invariável) dos objetos e fenômenos. Para o cubano o papel da filosofia transcendental seria “*conformar los accidentes del mundo a su esencia, el hombre al Universo y la vida a su fin*”. (13:190) Em um rascunho de artigo não publicado sobre o filósofo transcendental Bronson Alcott, escreve:

*Siéntese el maestro mano a mano con el discípulo, y el hombre mano a mano con su semejante, y aprenda en los paseos por la campiña el alma de la botánica, que no difiere de la universal, y en sus plantas y animales caseros y en los fenómenos celestes confirme la identidad de lo creado...* (13:188)

Tal texto sugere que a *identidade* de toda a criação está associada à idéia de que há algo nela que é invariável, representado pela palavra “alma”. Ou seja: há uma “*alma universal*” presente em todo o criado. Isso porque Martí não vê o mundo como algo monolítico, e sim com níveis e graduações. Cada objeto da criação contém um grau de *essência*, que, por sua vez, sendo invariável, é o que garante sua identidade com os demais. O que ele rechaça, portanto, é apenas a idéia de uma identidade absoluta, a idéia de um universo como a “unidade de coisas idênticas”.

Em suma, um dos aspectos centrais da cosmologia martiana é sua interpretação unitária do mundo e da vida. O pensador cubano estabelece uma gradação vertical do cosmos qual organiza, hierarquicamente, em diversos níveis todos os elementos componentes dessa essência única universal, incluindo tanto os entes materiais quanto os espirituais.

No topo dessa hierarquia encontra-se a essência do Espírito Universal – o Uno – gerador de todas as coisas. Sua tese básica, de nítido cunho metafísico, postulava a consubstanciação da matéria e do espírito em um *Ser Universal* que os ordena e dirige. Esse *Ser* se prolonga em

nossa existência e na realidade fenomênica, sendo que as diversas formas assumidas por ele integram um todo unitário e infinito. Matéria e espírito, ambos uma forma de expressão desse *Ser* primário e essencial e relativizados nessa realidade fenomênica, constituem assim a unidade do todo. Do *Ser absoluto*, da essência, brotam as relatividades e nessas relatividades existe um substrato comum, que é parte do *Ser Universal* e que garante a identidade entre todas as coisas.

Tal noção de um *Ser Universal* ou *Espírito Universal* é, portanto, básica para Martí em sua cosmologia e fundamental para o entendimento de sua visão unitária do mundo. Resta saber em que consiste essa essência comum de todo o Universo analogamente constituído. Em que consiste, afinal, esse *Espírito* ou *Ser Universal* martiano – muitas vezes identificado vagamente por ele com a idéia de *Deus* - do qual emanam todos os seres do universo e que o unifica? O investigador martiano Javier Morales aborda o problema do estabelecimento do que considera essa “misteriosa e onipresente” essência metafísica do universo em Martí e considera que o “amor” constituiria o Uno martiano, a essência que dá coesão metafísica a todos os elementos do universo. (JAVIER MORALES, 1994: 44) Mais adiante, trataremos especificamente desse tema quando do estudo da axiologia martiana. Por ora, cabe ressaltar apenas o esforço de Martí em projetar no universo um elemento superador das constantes e perturbadoras contradições inerentes à existência humana.

Recapitulando o que foi visto até aqui, percebem-se no texto martiano algumas importantes associações que envolvem a palavra-referente *universo*, como os termos *síntese*, *essência*, *simplicidade*, *eterno*, *infinito*, que por sua vez, se associam com o princípio de *unidade*, com sua visão unitária do mundo. É interessante observar a partir da análise do conjunto da obra martiana que tal visão unitária e unificadora do universo não sofre grandes transformações ao longo de sua vida. Está presente desde seus escritos de juventude, como tivemos a oportunidade de ver acima, até uma carta a María Mantilla, escrita no ano de sua morte, em 1895, quando se referia à poesia que lhe inspirava “*la unidad del Universo, que encierra tantas cosas diferentes, y es todo uno...*” (20:218) Assim, consideramos que este princípio filosófico da unidade universal é

um elemento fundamental na reflexão filosófica martiana, base na qual se apoiarão alguns dos pilares de sustentação de sua visão de mundo.

## O PRINCÍPIO DA ANALOGIA UNIVERSAL

*“Hay leyes en la mente, leyes cual las del río, el mar, la piedra, el astro.”* (José Martí - *Versos Libres*)

Como decorrência de sua visão unitária do universo, analisada no tópico anterior, consideramos que a cosmovisão martiana está assentada em um outro princípio filosófico fundamental, a *analogia* entre todos os seres, as esferas e fenômenos que compõem o universo. Tal qual o princípio anterior, verificamos que essa perspectiva analógica está presente nos textos martianos praticamente ao longo de toda a sua vida como escritor, sem ter sofrido grandes alterações substanciais. Chega a surpreender na leitura da obra martiana a freqüência com que a palavra *analogia* e suas derivadas povoam seu texto. Afirmações do tipo *“Todo es análogo...”* estão presentes quase independentemente do tema tratado, da época e do contexto. E mesmo sem a ocorrência textual dessas palavras, ainda há uma quantidade significativa de casos em que aparece a *idéia* da analogia.

Em um artigo para a *Revista Universal*, do México, de 1875, Martí afirma: *“Todo es análogo en la tierra, y cada orden existente tiene relación con otro orden”*. (14:20) Nessa perspectiva, as diversas criações da natureza guardam entre si, além de uma estreita e íntima dependência, uma *“rigorosa analogia”*. (23:238) O princípio da analogia seria assim uma prova evidente de como a unidade universal – *“lo uno en lo diverso”* - se manifesta no âmbito de cada elemento material ou espiritual, individualmente considerado. A relação de analogia só é possível pelo fato de haver algo em comum e essencial entre essas distintas instâncias. Esse *“algo”* é a base do que considera *identidade universal*. Nesse sentido é que se pode afirmar também, sem contradição, que *“todo es idéntico”*.

A primeira decorrência dessa perspectiva é a aceitação de que a



dinâmica de todo o universo está regida por determinadas leis de caráter e validade universal, ou seja, aplicáveis indistintamente tanto na dimensão físico-material, como na dimensão do universo intangível, espiritual. Embora os homens não nasçam com o conhecimento dessas leis, eles podem chegar a elas pelo caminho da observação e da reflexão. Em 1875, Martí envia um artigo para a *Revista Universal*, do México, no qual escreve: “*En el sistema armónico universal, todo se relaciona con analogías, asciende todo lo análogo con leyes fijas y comunes*”. (6:234) E, em um escrito de um de seus cadernos de apontamentos, não datado, encontramos o seguinte texto em que trata das leis da natureza:

*Aplicad sin miedo a cada acto de la vida las leyes generales de la naturaleza: (...) Las leyes de las mareas son las de los pensamientos. Y las leyes que rigen la existencia de un pueblo, son las mismas que rigen la vida de una flor. (22:324)*

E assim por diante vai afirmando a validade de um conjunto de leis gerais que estão na base de seu princípio de analogia universal: astros, plantas, homens, sociedades, idéias, política, história, sentimentos, enfim, tudo é regido por idênticas e implacáveis leis da natureza. Daí ser ela própria, a natureza, fonte de todo o conhecimento. Certa vez, em uma carta de 1890 a um amigo, dizia: “*Yo para entender mejor a los hombres, estoy estudiando los insectos...*”. (1:261) Em um artigo para o jornal argentino *La Nación*, em 1887, escreve: “*Por su órbita andan los astros, y por su órbita anda el hombre. Como se calcula un eclipse, se puede calcular la vida*”. (11:155) Essa convicção analógica, aliada à fé no poder das ciências e na cognoscibilidade do mundo, poderia tender na direção de uma grande tentação - de inspiração positivista - que sonhava em decifrar esse conjunto de leis universais e, assim, conhecer, prever - e interferir? - na dinâmica do universo. Veremos, entretanto, em outro momento deste trabalho, como, em parte, Martí se distanciou dessa perspectiva.

Retomando a análise dos usos martianos da palavra-chave analogia, podemos constatar que essa noção se distingue da anterior - de unidade universal -, sobretudo, pelo seu caráter mais dinâmico, enquanto a idéia de unidade está associada geralmente a um contexto mais estático. Dessa

forma, a expressão *analogia* ou suas derivadas tendem a aparecer na obra martiana em contextos em que faz referência a algum “processo”. Parte do pressuposto de que as coisas não são análogas “em si”, e sim na sua dinâmica. Assim, a analogia está quase sempre referida a um movimento. Vemos que em diversas ocasiões Martí utiliza a expressão “*marcha análoga de todo*”. (6:256) Em outro artigo de 1875, publicado na *Revista Universal*, do México, escreve: “*Todo marcha transformándose, en constante analogía*”. (6:256) Em outro apontamento, escrito provavelmente entre 1885 e 1895, escreve:

*El movimiento se llama viento en el mar, onda en el río, rumor en el bosque, pasión en la mujer, pensamiento en el hombre. Se nota que todo marcha, y va a crecer. El rumor va al espacio, el río al mar, la pasión a la cima, la idea al cielo. Una onda produce otras ondas; una rama otras ramas; un hijo otros hijos. - Todo se imita y va en escala. (22:218-219)*

Logo, no texto martiano, a palavra-chave *analogia* – bem como suas derivadas – se associa com aquilo que, sendo parte de uma essência universal, é invariável e identifica as diversas formas e manifestações do mundo material e imaterial. Nessa perspectiva, Martí acaba por situar as analogias no âmbito das *essências*. Acontece que tais “analogias essenciais” tendem a se apresentar envoltas de contradições aparentes, que encobrem sua *harmonia natural*. Percebe-se como que novas palavras-conceitos vão-se associando à palavra-referente *universo*. Junto às já mencionadas noções de *síntese*, *essência*, *simplicidade*, *eterno*, *infinito*, podemos agora incluir as de *analogia* e *harmonia*. E este último será exatamente o próximo tema que iremos analisar.

## **O PRINCÍPIO DA HARMONIA UNIVERSAL**

De modo similar ao princípio da analogia, a cosmovisão martiana está apoiada também em outra premissa filosófica fundamental, que denominaremos aqui de *princípio da harmonia universal*. Acabamos de ver que as diversas ordens criadas pela natureza guardam entre si, segundo a visão martiana, relações de interdependência e analogia. Isso porque o mundo está regido por diversas leis físicas e morais de validade universal.

Se nesse sistema unitário e sintético martiano tudo se desenvolve em constante analogia e obedecendo a determinadas leis, há uma lei que regula essas relações entre as diversas ordens, que é exatamente a lei ou princípio da *harmonia*. Em um artigo para a *Revista Universal*, de 1875, escreve: “*La armonía fue la ley del nacimiento, y será perpetuamente la bella y lógica ley de relación*”. (14:20) Daí que ele faz referência ao que considera “*el sistema armónico universal*”. (6:234) Se é verdade que tudo é análogo, também será verdade que tudo se relaciona de forma harmônica. Nessa perspectiva, portanto, o universo martiano é, além de todas as características já apontadas, *essencialmente harmônico*. Tal princípio, assumido por Martí, tem inúmeros desdobramentos importantes na sua visão de mundo, refletindo sob vários aspectos na sua interpretação do fenômeno histórico e social.

Essa noção de uma harmonia universal está presente desde seus primeiros escritos de juventude, na época em que era estudante na Espanha, dentro de um contexto de apontamentos filosóficos mais gerais. Num desses apontamentos, por exemplo, escreve:

*Existe distinto género de cosas, y cada una de ellas es una verdad, y cada género hace género distinto de verdades. Hay armonía entre las verdades, porque hay armonía entre las cosas; pero de esta armonía no se puede decir que todas las cosas sean una.* (21:55)

Já nos referimos anteriormente à noção martiana de um movimento ascensional que parte do diverso em direção à síntese integradora originária. Pois bem, essa ascensão de tudo – essa dinâmica – obedece a leis ou verdades análogas e harmônicas. Se a harmonia foi a “lei de nascimento”, essa “marcha análoga” de tudo não pode efetivar-se por leis de desarmonias ou desigualdades. (6:256) Vale ressaltar como nesse aspecto agiram em Martí algumas influências de perspectiva filosófica sincrética e conciliadora, base de sua visão harmônica. Em 1894, dizia, por exemplo: “*Me gusta ver desde mi ventana el lugar donde se encuentran dos caminos*”. (21:425)

Segundo essa perspectiva, se prevalece a lei da harmonia nas relações entre os seres, não pode - ou não deve - haver contradição na

natureza. A título de exemplo, em um artigo para *La América* de Nova York, em 1883, afirmava que “*no, no hay contradicciones en la Naturaleza*”. (8:378) A premissa aqui é, portanto, de que não há contradições na natureza. Porém, reconhece ao mesmo tempo que elas existem. Como? É que elas não são obra da natureza. Em seu artigo sobre Emerson, de 1882, publicado em *La Opinión Nacional* de Caracas, Martí escreve: “*Las contradicciones no están en la naturaleza, sino en que los hombres no saben descubrir sus analogías*”. (13:29) Há uma “aparente” desordem na natureza e o dever primordial do homem é, exatamente, se sobrepor a essa aparência e, assim, descobrir sua essência analógica e harmônica, com o dever de conhecer, por conseguinte, as harmonias do universo.

Por outro lado, a palavra-chave harmonia tenderá a vir associada à idéia de uma “*obra lógica*” (9:304) e à palavra *razão*. Em um apontamento, escrito provavelmente entre 1886 e 1887, encontramos: “*...lo único cierto y perpetuo es lo que la razón aconseja en las letras como en los actos todos de la vida: la armonía*”. (21:344) Em um artigo escrito e não publicado, sem data, Martí escreve sobre o abolicionista e pastor protestante Henry Ward Beecher, onde afirma: “*Así, donde la razón campea florece la fe en la armonía del Universo*”. (13:33) Poder-se-ia deduzir daí que, se há alguma alteração nesse equilíbrio harmônico no âmbito da natureza, esta seria obra do “irracional”. Há algumas passagens no texto martiano em que encontramos alguma referência a essa luta entre o racional e o irracional. Outra questão importante é a frequência com que aparece associada a palavra “fé” com a idéia de harmonia universal, como algo que surge a partir do momento em que o homem se encontra num estado de gozo da liberdade e da razão. Por que não “convicção” em lugar de “fé”?

Percebemos que essa idéia de harmonia, presente ao longo de toda a obra martiana, percorre uma trajetória que não se restringe ao universo das reflexões filosóficas mais abstratas de seus primeiros escritos de juventude. Paulatinamente, sua abordagem tende a vincular e associar tal idéia de harmonia aos conceitos de *homem e natureza*. Ou seja, nos referimos a uma tendência nos escritos martianos, crescente e

contínua, a tratar privilegiadamente o tema das relações harmônicas entre homem e natureza. Em artigo para a *Revista Universal*, de 1875, escreve:

*Porque todas las fuerzas concuerdan en la naturaleza, todas las fuerzas sociales deben vivir a un tiempo en la humanidad. - Tiene el universo concordia sublime; así concordia es ley para que vivimos en la tierra. (...) Son los hombres cárceles de la armónica vida universal...<sup>3</sup>*

Ressaltamos que consideramos aqui os sinônimos ou desdobramentos da palavra *harmonia*, também muito freqüentes, tais como *concórdia, equilíbrio, regularidade, paz* etc.

Na perspectiva martiana, a natureza, sendo toda ela harmonia, não poderia ter criado no homem faculdades inarmônicas. (8:441) Disso decorre que, como não há contradições no âmbito da natureza, também não pode haver contradições na esfera da vida humana. Em um apontamento, escrito provavelmente entre 1878 e 1880, declara:

*aunque nada es en apariencia más descompuesto nada es en realidad más metódico y regular; más predecible y fatal, más incontrastable y normal que nuestra vida. (21:138)*

Se há, portanto, algum tipo de contradição, desigualdade ou desequilíbrio entre os homens, estes adquirem o caráter de aparentes e/ou passageiros, não podendo se sobrepor, jamais, à igualdade que a natureza criou. (20:345) Pode ocorrer que, ao longo da história das sociedades, haja algum tipo de interrupção desse equilíbrio natural, efetuada pelos próprios homens. Porém, esse estado desarmônico, por ser antinatural, tende a ser provisório e, logo, as sociedades buscam retomar seu curso interrompido. Assim, harmonia, equilíbrio, concórdia, paz são condições essenciais e naturais do homem em sociedade. Essa idéia de equilíbrio está presente, sobretudo, ao tratar dos valores humanos. Considera, por exemplo, que as virtudes estão distribuídas eqüitativamente entre os homens: se pode faltar em muitos, por outro lado, tende a se concentrar em outros, o que mantém o equilíbrio e preserva a harmonia entre eles. (8:189)

A partir de uma perspectiva literária, o espanhol Carlos Javier Morales, em seu livro “*La poética de José Martí y su contexto*”, analisa uma influência dos românticos – no caso de Martí, é evidente a influência do escritor francês Victor Hugo - que marca a cosmologia martiana, e que consiste na aceitação de uma relação dialética entre a *analogía* e a *ironía*<sup>4</sup>. (JAVIER MORALES, 1994: 78-79) *Analogía* seria entendida aqui como um “estado harmônico final”, o momento em que o homem contempla e apreende o universo como um todo idêntico em essência, e a *ironia* como a percepção e consciência imediata e dolorosa da fragmentação cósmica, da diversidade da natureza e dos homens. (JAVIER MORALES, 1994: 79-80) O autor parte do pressuposto de que a analogia essencial do universo não é algo que se apresenta a Martí de forma clara e imediata, e que esta constitui-se na verdade numa conquista gradual desse pensador. É a partir da sua experiência e da consciência do diverso à sua volta que o autor tende a buscar uma superação dessa realidade fragmentária mediante uma visão harmônica e conciliatória do mundo. Tal processo é marcado, segundo Morales, por um elemento tipicamente romântico: a dor. Ela seria vista como o caminho para superar as contradições aparentes do universo. Esse estado de fragmentação seria fruto da ação destruidora dos homens: a malignidade humana é a causa do desequilíbrio no mundo e é ela que permite a experiência irônica da vida. (JAVIER MORALES, 1994: 83) Nesse contexto, a natureza, com toda a sua autoridade e legitimidade, surge como o modelo por excelência da conduta humana, fonte das leis tanto físicas como morais, surge como o exemplo e símbolo maior da harmonia universal. Reintegrar a harmonia perdida pela maldade dos homens: esse é o propósito último de uma conduta humana pautada pelo *amor*. É importante ressaltar aqui o caráter *accidental* do mal frente à harmonia *essencial* do universo.

A visão analógica e harmônica de mundo em Martí estará presente indistintamente ao longo de sua obra, seja em suas incursões filosóficas mais abstratas, seja na abordagem de temas cotidianos mais concretos. Dessa forma, sua cosmovisão analógica não representa uma mera elaboração teórica sobre a constituição metafísica do mundo. Está presente de forma arraigada em seu pensamento e se revela de forma clara nas

suas impressões sobre os diversos aspectos da realidade à sua volta.

Assim, percebe-se que ao tratar do que denominamos aqui de princípios filosóficos que constituem a base da cosmovisão martiana, quais sejam, seus princípios unitário, analógico e harmônico, nos guiamos pela preocupação em identificar alguns parâmetros que norteiam a interpretação textual que empreende sobre o mundo ao seu redor, presentes de forma constante e praticamente independente de contexto, época e meio em que se expressam. Nesse processo, consideramos como *referente* básico de análise uma idéia abstrata e generalizadora de “universo” e seus correlatos, como mundo, natureza etc. Entretanto, a utilização “prática” desses critérios tende a se concentrar de forma privilegiada, embora não exclusiva, na sua análise da *relação* entre outros dois referentes conceituais básicos da sua visão de mundo que passaremos a analisar em seguida: *homem e natureza*.

## A IDÉIA DE “NATUREZA”

Começamos, uma vez mais, pela análise de seus apontamentos filosóficos da época de estudante na Espanha. A natureza se inscreve como tema privilegiado em seus textos, num primeiro momento, como objeto de suas reflexões de ordem gnoseológica. A primeira grande inquietude nesse plano diz respeito à busca da verdadeira fonte do conhecimento das “coisas”. Considera Martí que, já que as “causas das coisas” não se nos revelam diretamente, todo questionamento e busca dessas causas deve se dirigir à natureza observável, única fonte filosófica possível. Importante observar aqui que ele define a filosofia como a *ciência das causas*. (19:360-363) E, assim, ele próprio se preocupa em apresentar uma definição de *natureza*:

*¿Qué es la naturaleza? El pino agreste, el viejo roble, el bravo mar, los ríos que van al mar como a la Eternidad vamos los hombres; la Naturaleza es el rayo de luz que penetra las nubes y se hace arco iris; el espíritu humano que se acerca y eleva con las (...) nubes del alma, y se hace bienaventurado. Naturaleza es todo lo que existe, en toda forma, - espíritus y cuerpos; corrientes esclavas en su cauce; raíces esclavas en la tierra; pies, esclavos como las raíces; lamas,*

*menos esclavas que los pies. El misterioso mundo íntimo, el maravilloso mundo externo, cuanto es, deforme o luminoso y oscuro, cercano o lejano, vasto o raquítico, licuoso o terroso, regular todo, medido todo menos el cielo y el alma de los hombres (...) es Naturaleza. (19:364)*

Percebe-se aqui que a palavra *natureza* representa, conforme tal delimitação, “tudo o que existe” – incluído o homem -, conceito que coloca o termo *natureza*, ao menos nesse sentido generalizador aqui tratado, como sinônimo de *universo*. Tal relação sinonímica nos autorizaria, portanto, a considerar, da mesma forma, as associações que empreendemos anteriormente em torno da palavra-chave *universo*, quais sejam, as noções de *síntese*, *essência*, *simplicidade*, *eterno*, *infinito*. Assim, à natureza se aplicam também os mesmos princípios norteadores de sua visão de mundo já tratados acima: a natureza é a unidade do diverso, análoga e harmônica. Nesse sentido, sua visão de mundo pode ser reduzida à percepção do que ele define por *natureza*.

Dessa forma, a concepção martiana de natureza não se restringe àquilo que entendemos por “realidade” concreta ou àquilo que o homem percebe por meio de suas sensações. Para ele a natureza engloba tanto o tangível como o intangível.

Em um de seus apontamentos, em que comentava alguns livros que planejava escrever, estava um que se intitulava “*El plan de la Naturaleza*”, cujo objetivo seria, dentro de seu princípio de que a natureza é a fonte de todo conhecimento, abordar

*Para qué sirve cada cosa; Por qué cada cosa es como es, Cómo está todo distribuido, o variado, o especificado, conforme a las necesidades. (18:287)*

Notamos aqui uma visão da natureza que tende a um tipo de funcionalismo, segundo a qual tudo na natureza tem uma razão de ser e cumpre uma função precisa e necessária ao equilíbrio e à harmonia do conjunto, obedecendo a determinadas leis gerais. Leis que regem um movimento natural, análogo e harmônico, que não pode - ou não deve - ser precipitado nem muito menos contido pela ação humana. (20:251)



Em artigo para *Patria*, de 1892, encontramos: “*El mundo sangra sin cesar de los crímenes que se cometen en él contra la naturaleza*”. (4:381) Que a natureza “ *siga su curso majestuoso*”. (21:163) Sobre essa marcha análoga de tudo, escreve um artigo para a *Revista Universal*, do México, em 1875, em que afirma:

*Va todo andando y creciendo, de arroyo a río, de río a mar, de madre a hijo, de arbusto a árbol, de niño a hombre, de imperfección a perfección...* (6:225)

Tal assertiva sugere um certo “evolucionismo positivo” nessa visão da dinâmica do universo, que é nada mais que um desdobramento daquele movimento a que já nos referimos, que consiste na idéia de uma constante *ascensão* partindo do vário e diverso – leia-se imperfeito, limitado – em direção à síntese superior - perfeita e ilimitada. Comentando o livro “*Nature*” de Emerson, quando da sua morte em 1882, se identificava com a tese do escritor transcendentalista norte-americano de que “*el hombre limitado irá a dar en el Creador sin límites...*” (23:305) Em alguns momentos, encara a natureza - como nos textos sobre Emerson - como fonte de inspiração de uma espécie de poesia universal – um “drama lógico” -, e mais, tende a ver a natureza como um “templo imenso”, com seus “ritos solenes”. (19:355) Conhecer esse plano lógico da natureza, a atuar conforme ele, é o grande dever dos homens e mesmo o profundo sentido da vida humana. A natureza assume a condição de fonte de todo o conhecimento, útil e necessário ao bem-estar da humanidade. Em um artigo para a revista *La América* de Nova York, em 1883, escreve:

*A las aves, alas; a los peces, aletas; a los hombres que viven en la Naturaleza, el conocimiento de la Naturaleza: ésas son sus alas*”. (8:278)

Estudar as forças da natureza e aprender a manejá-las é o melhor caminho para a solução dos problemas sociais. (13:52) Somente esse conhecimento da natureza - que é auto-conhecimento, já que o homem se encontra a si mesmo na própria natureza – pode garantir a felicidade entre os homens, pois essa felicidade só é possível pelo caminho das virtudes que a própria natureza inspira. Por fim, a natureza é

fundamentalmente o critério, a fonte de paz e justiça para os homens: as diferenças sociais, inimigas da paz, são contrárias à natureza. (2:299) Vemos aqui como a visão martiana da natureza é presidida por critérios amplos que englobam tanto aspectos éticos e estéticos, quanto filosóficos e/ou científicos.

Do que foi visto até aqui, percebe-se como o centro das reflexões martianas sobre o universo vai-se deslocando de uma análise da natureza “em si” e se concentrando nas *relações* entre a natureza e o homem. É perceptível como que a idéia martiana de *natureza* evolui ao longo do tempo incorporando, pouco a pouco, uma dimensão cada vez mais histórica, no sentido de superação de uma perspectiva que encara a natureza exclusivamente como uma ordem previamente estabelecida por fatores extra-humanos. Assim, torna-se necessário, portanto, orientar nossa análise no rumo dessas relações entre homem e natureza. Antes, porém, abordaremos a idéia martiana de “homem”.

## A CONCEPÇÃO MARTIANA SOBRE O SER HUMANO

Em primeiro lugar, torna-se necessária uma redobrada atenção na análise dos textos martianos para uma distinção fundamental entre quando ele utiliza a palavra *homem* no singular, no sentido de *espécie humana*, de quando ele se refere a “cada homem” em específico. Da mesma forma, exige-se cautela nos contextos para distinguir entre o uso da palavra *homens*, também no sentido de *espécie humana*, de *homens* apenas para se referir a uma coletividade social concreta.

Poderíamos antecipar que, na cosmovisão martiana, a partir de algumas evidências encontradas em seus textos, nos arriscamos a afirmar que o homem não ocupa, como veremos, uma posição central em torno do qual giraria todo o universo. (15:194) O homem ocupa, sim, em Martí uma posição central como objeto de suas reflexões filosóficas, o que não é o mesmo que afirmar que em Martí o homem constitui o centro do Universo, como sugere o filósofo Jiménez Grullón<sup>5</sup>. De qualquer maneira, o importante, aqui, é destacar como o termo *homem* constitui-se precisamente num dos referentes conceituais e temáticos fundamentais

da visão de mundo de José Martí.

Começamos nossa análise pelas próprias definições martianas de “homem”. De um ponto de vista genérico, em um artigo para a *Revista Universal* do México, de 1875, escreve que o homem é “*un pedazo del cuerpo infinito*”. (6:226) Porém, ele não “é” infinito. E num apontamento da juventude, encontramos: “*El hombre es una forma perfeccionada de la vida*”. (22:249) Entretanto, uma forma “aperfeiçoada” de vida, superior, portanto, a outras formas de vida, não quer dizer uma forma “perfeita” de vida. Partimos do pressuposto de que o homem, na perspectiva martiana, não se funde completamente com a natureza, que é, segundo sua própria definição, infinita e essencialmente harmônica. É como se houvesse uma espécie de estrutura hierárquica entre as formas do universo, na qual a matéria ocupasse uma posição inferior em relação ao espírito ou à alma (lembramos que na concepção de Martí o homem é um ser dual, uma combinação de matéria e espírito). Assim, o homem, por ser – ainda que em parte – matéria, não goza como um todo do mesmo *status* do espírito criador universal. Tudo isso resulta, em decorrência dessa visão dualista do homem, no reconhecimento do ser humano com um ser complexo – diverso e múltiplo - e que, diferentemente da natureza como um todo, é passível de um certo nível de contradição. A mesma natureza que cria “árvores com manchas” e “céu com nuvens” cria também o homem com “*entrañas y menudencias*”. (22:151) Já nos seus primeiros escritos de juventude encontramos a seguinte passagem:

*Yo. Esto es. Una personalidad briosa e impotente, libérrima y esclava, nobilísima y miserable, - divina y humanísima, delicada y grosera, noche y luz. Esto soy yo. Esto es cada alma. Esto es cada hombre.* (21:68)

Percebe-se aqui o contraponto divino-humano e as possíveis associações com os demais contrapontos, que relaciona o divino com algo “positivo” e o humano com algo “negativo”. Nesta citação, também parece não haver distinção entre “cada alma” e “cada homem”. Porém, em vários textos de épocas posteriores em que se refere à “alma humana”, insiste em sua “unidade” e “singularidade”. A título de exemplo, em um artigo para *La Opinión Nacional* de Caracas, Martí considerava que:

“*¡Una es el alma humana, y múltiples sus aposentos pintorescos!*” (13:220) Essa “alma humana” representa a porção *eterna*, essência imortal e perfeita que habita o corpo de cada ser humano. É o que garante sua crença numa identidade fundamental do homem. Em um artigo para *Patria*, de 1892, escreveu: “*La naturaleza del hombre es por todo el universo idéntica...*” (5:260) Reconhece, assim, a idéia de uma *natureza humana universal*: o homem é possuidor de “natureza” própria, algo “natural”, que nasce com ele e é inerente a toda a espécie humana, em contraposição com o que é adquirido ou imposto, peculiar em cada indivíduo. Nesse ponto, Martí sempre manifestou sua preocupação com o tema da vida humana em geral, bem como com as ações humanas: com o que há nelas de comum à toda espécie e o que há de imprevisto e peculiar a cada pessoa. Inclusive, chega a resenhar, em 1884, para a revista nova-iorquina *La América* um livro do escritor Alexander Bain, que trata exatamente desse tema, onde expõe algumas dessas suas preocupações. (13:452) Num de seus cadernos de apontamentos, encontramos o seguinte manuscrito, sem data, que ilustra bem essa inquietação:

*¿Qué me importa saber lo que el hombre hizo en este determinado momento de su vida, en esta o aquella época concreta, accidental y transitoria? - Su esencia permanente es lo que quiero investigar, no efectos que pasan, sino la causa que las produce busco. No me importan las estaciones del camino humano, que se levantan y destruyen en arreglo a las conveniencias de los vivientes, sino el vapor; - acomodable, pero libre, que echa a andar el tren por ellas.*  
(21:186)

Fica evidente sua preocupação ontológica, sua ânsia por identificar essa invariável “essência humana”. Em um artigo de *El Sudamericano*, de Buenos Aires, escrito em 1890, escreve: “...*el hombre es uno, y el orden y la entidad son las leyes sanas e irrefutables de la naturaleza*”. (7:371)

É importante ressaltar que sob o aspecto filosófico a palavra *entidad* admite como sinônimo a noção de unidade do diverso, ou seja, de uma coletividade considerada como um todo único ou idêntico. Assim, segundo

a irrefutável lei da natureza, o homem preserva sua unidade dentro da diversidade. Esse princípio servirá de base para a crítica de Martí a todo tipo de racismo ou contra as perspectivas de caráter evolucionista – muito difundidas em sua época - que consideravam algum tipo de hierarquia – critérios de superioridade-inferioridade - entre as distintas etnias e culturas em que se dividem os homens. Em seu famoso artigo “*Nuestra América*”, publicado em *El Partido Liberal*, do México, em 1891, reafirmava a idéia de uma identidade universal do homem e considerava que “*El alma emana, igual y eterna, de los cuerpos diversos en forma y en color*”. (6:22) Qualquer critério de diferenciação que implique a noção de desigualdade, no sentido de superioridade-inferioridade, torna-se contrário às leis da natureza, que é toda igualdade e harmonia. Se há distintos níveis de desenvolvimento das sociedades humanas, tudo se relaciona exclusivamente às circunstâncias históricas e ao meio em que estão inseridos esses homens, e não a critérios de qualquer outra ordem. Num artigo de 1884 para a revista *La América*, de Nova York, escrevia:

*...el hombre, dondequiera que nazca, es semejante a sí mismo; y puesto en igual época, o en iguales condiciones, ante la naturaleza, produce obras espontáneas, necesaria y aisladamente semejantes.*  
(23:23)

Martí planejou escrever um livro sobre o “conceito da vida”. Embora o livro nunca tenha sido editado, seu idealizador deixou registrados vários textos em que sintetiza o conteúdo e propósito geral de seu projeto, que representava, segundo ele próprio, sua preocupação com a questão da vida ilusória que as convenções humanas impõem à verdadeira natureza humana. Em um artigo escrito originalmente em inglês para o *The Sun*, de Nova York, em 1881, Martí, resenhando uma obra do literato ligado à “Escola Realista”, Gustave Flaubert, afirmava que para o escritor francês

*This existence of ours is artificial. (...) Flaubert endeavours to put in front of this imposed and conventional life the simple and plain life of nature*<sup>6</sup>. (15:211)

Vários outros textos evidenciam que Martí compartilhava dessa mesma idéia. Assim, segundo ele, a aquisição pelo ser humano ao longo de sua vida de uma série de convenções e imposições filosóficas, políticas, religiosas, familiares etc. tendiam a encobrir a vida espontânea e natural dos homens. Para Martí, o homem em sociedade constrói e carrega diante de si uma máscara que oculta sua verdadeira e natural essência. (7:230) Quando se refere, portanto, ao homem, faz questão de distinguir entre *aparências* e *essências* humanas. Importante distinção esta por se constituir numa das bases de seu conceito, que vamos analisar ainda neste trabalho, de “homem natural”.

De um ponto de vista filosófico, para Martí a dualidade natural entre espírito e matéria alcança seu mais alto nível no ser humano, por este ser dotado de consciência da própria existência. O homem, por levar consigo algo de essência, pode potencialmente se constituir num intermediário entre o mundo das relatividades ou contingências – da matéria - e o mundo do absoluto - das essências -, já que seu espírito é parte do *Espírito Universal*. Sendo o homem também constituído de matéria - por isso uma criatura imperfeita e contraditória -, sua consciência deve ter a função de transformá-lo no sentido de um aperfeiçoamento contínuo para, a partir de sua relatividade, alcançar o mundo do absoluto – movimento de ascensão. Para Martí esse movimento se dá pelo exercício do bem, que dirige a vida humana e que constitui a substância do Ser Universal. Daí, podemos perceber como a visão de homem em Martí está marcada fundamentalmente por critérios éticos e morais.

Em seguida, passaremos a analisar alguns critérios em que Martí se apóia para procurar respostas ao que é “ser homem”. Cabe ressaltar que tais critérios encontram-se, fundamentalmente, em sua ética, ou seja, visam a definir o homem a partir de determinados valores morais. Assim, a primeira premissa que Martí considera é a bondade “natural” do homem. Abundam em seus textos afirmações do tipo: “*El hombre es bueno*”. (8:167)

Em um artigo para a *Revista Universal*, México, de 1875, escreve: “*yo creo absolutamente en la bondad de los hombres*”<sup>7</sup>. Em outro

artigo para a mesma revista e na mesma época, diz: “...no se ha ahogado la voz común en el ser humano: al fin es el ser humano esencial y activamente bueno”. (14:22) Tal premissa se apresenta não só em documentos dirigidos ao público, como podemos ver em duas cartas ao amigo mexicano Manuel Mercado: uma escrita em 1878, quando afirma: “Creo, sobre todo, y cada vez me afirmo en ello, en la absoluta bondad de los hombres”; (29:26-27) outra, de 1886, na qual escreve: “...yo soy siempre aquel loco incorregible que cree en la bondad de los hombres...” (20:74) Desnecessário se torna listar uma série de passagens em que reafirma essa mesma idéia.

Porém, por outro lado, apesar dessa “natural” bondade, Martí considerava que todo homem era portador também, ainda que apenas “em potencial” ou “em germe”, de todo tipo de vilezas e maldades que poderiam ou não ser ativadas. Em 1876, escreve na *Revista Universal*, do México, referindo-se ao homem: “Se nace siempre bueno; el mal se hace después”. (6:446) E em 1888 escreve para o jornal *La Nación* de Buenos Aires: “Lo más vil o bestial ha aparecido en algún instante posible o deseable al alma más limpia”. (11:478) Se o homem é “feito de luz e deve dar luz”, há que considerar também as “decomposições” da luz humana. Para Martí a natureza humana é má por “acidente” e nobre por “essência”. (4:188) Uma vez mais encontramos aqui o contraponto *superfície-essência*. Assim, os erros dos homens se dão em decorrência de sua própria condição “humana” - imperfeita? -, enquanto suas virtudes são “divindades” que neles agem, que estão presentes na “alma humana”. Assim, ser verdadeiramente homem é controlar esses impulsos bestiais que comprometem sua natural bondade.

O sentido da vida humana para Martí tende sobretudo ao cumprimento de um dever, de uma missão delegada pela natureza criadora. Em 1886, escreve para *La Nación* que “Un hombre es un deber vivo; un depositario de fuerzas que no debe dejar en embrutecimiento...” (10:376). A Natureza favorece os homens com determinados talentos e aptidões, que, em retribuição, têm o dever de corresponder aos seus favores praticando o bem. Num escrito da juventude, afirmava que:

*Cuando se conoce la vida, sólo el deber es grato; sólo él es digno de obediencia; sólo él da fuerzas para afrontar la malignidad de los hombres...* (22:188)

Num discurso em comemoração ao 10 de Outubro de 1868 - data da deflagração da primeira guerra de independência de Cuba, conhecida como a Guerra dos Dez Anos -, pronunciado em 1890 em Nova York, Martí afirmava: “...*el verdadero hombre no mira de qué lado se vive mejor, sino de qué lado está el deber; y ése es el verdadero hombre...*” (4:247) Dever, portanto, de combater o mal e cultivar virtudes essenciais. Se, como vimos, os homens são “essencialmente” iguais, a única diferença possível será aquela que coloca em dois campos opostos homens “generosos” e “egoístas”. (22:51) Num artigo para *La América* de 1884, Martí escreve:

*Observando a los hombres, se ve que no es cada uno una entidad definitivamente aislada y con un carácter exclusivo, que venga a ser una combinación original de los elementos humanos comunes; sino un tipo de una de las varias especies en que los hombres se dividen, según existe en ellos dominante el amor de sí, o no exista, o coexista con el amor a los demás...* (15:395)

Se a vida é, antes de tudo, um dever, este deve visar ao bem alheio, ou, ainda, ao bem humano, pela prática do amor. Se o homem nasce com algum tipo de talento especial, aumenta sua obrigação de retribuir essa dádiva da natureza em benefício dos seus semelhantes. Assim, conclui, num escrito de 1895, que “*Dar es ser hombre; y recibir, no*”. (19:186) Dessa forma, vemos de que maneira Martí fundamenta sua idéia de “homem”: depositário de alguns valores determinados que, ao mesmo tempo, o definem. Para ele, o homem é, antes de tudo, um homem de virtudes e a vida humana se realiza pelo exercício dessas virtudes. Daí, a importância que irão adquirir em sua obra, na definição do “verdadeiro homem”, os valores morais de honra, dignidade, caráter, altruísmo, abnegação, sacrifício próprio em benefício alheio e tantos outros que compõem sua ética de profundo sentido humanitário. Ser homem é, antes de tudo, praticar esses valores.



Outra face desse homem está relacionada com a perspectiva de Martí, que considera a trajetória humana marcada pela evolução do “*hombre-fiera*” ao “*hombre-ala*”. Em um artigo para *La América*, de Nova York, de 1883, afirmava que

*todo hombre es una fiera dormida. Es necesario poner riendas a la fiera. Y el hombre es una fiera admirable: le es dado llevar las riendas de sí mismo.* (5:110)

“Ser homem” é, dessa forma, sujeitar a fera que se encontra dentro de si. Em um artigo para *La Nación*, de Buenos Aires, de 1883, Martí dizia que “*está el progreso del hombre en ir matando fieras*”. (9:456) Assim, nem todos os que têm a forma humana “são homens”. Somente o serão quando dominarem a ignorância e rudeza naturais, o que trazem da fera, estudarem e conhecerem as forças e leis da natureza, aprenderem a manejá-las em benefício da humanidade, adquirirem, enfim, consciência de sua missão de “homem”. É quando, então, o homem se torna consciente e “dono de si mesmo”, “co-rei da natureza”. Por outro lado, se é preciso, por obrigação com a natureza, desenvolver a inteligência, essa é só “meio homem”. Esse, para se completar em sua inteireza, precisa fazer bom uso dessa inteligência pela prática das virtudes. Essa trajetória do homem-fera ao homem-asa é marcada, segundo a perspectiva martiana, pela evolução necessária “*del hombre embrionario, batallador y egoísta de la Naturaleza, al hombre desinteresado y pacífico de la civilización*”. (8:187) Assim, percebe-se que a vida humana traz algo de imperfeito: fazer-se homem implica retificá-la segundo determinados valores.

## **A RELAÇÃO “HOMEM-POVO”**

Antes de passar propriamente à análise dos sentidos da palavra “*pueblo*” em Martí, torna-se necessário esclarecer como ele considerava a existência de tipos diferentes de homens. Começamos pela premissa de que a natureza criadora não concede ou distribui os talentos e habilidades de forma igualitária a todos os homens. Com isso, Martí estabelece uma espécie de hierarquia entre homens “vulgares” e homens “geniais” (19:96), ou entre “gente comum” e “espíritos superiores”.

(21:162) Em um artigo para a *Revista Universal*, do México, escrito em 1875, escreve:

*El género humano tiene montañas y llanuras, y así hablan las montañas de la tierra con las alturas de los cielos, como los genios entre los hombres con las altezas y las excelencias del espíritu. (6:222)*

As virtudes estão distribuídas pela natureza de forma invariável. Por isso, quando em determinadas sociedades há muitos homens de pouca virtude, a natureza costuma criar seres humanos avassaladores, especiais, de extremo gênio e poder, a fim de manter e garantir o equilíbrio natural das virtudes nessa sociedade. Desta forma, Martí considera o que chama de “*pro-hombres*” ou simplesmente heróis, que cumprem importante função social. A função de um *pro-hombre* é, fundamentalmente, “fazer homens”. São os homens ardentes, purificadores da espécie humana, “homens-tocha” que se consomem iluminando. (11:145) Num artigo sobre os heróis hispano-americanos, publicado em 1889 na revista infantil *La Edad de Oro*, Martí dizia:

*quando hay muchos hombres sin decoro, hay siempre otros que tienen en sí el decoro de muchos hombres. (...) En esos hombres van miles de hombres, va un pueblo entero, va la dignidad humana. Esos hombres son sagrados. (18:305)*

E, assim, sintetiza em artigo para a *Revista Universal*, de 1875: “*Así se es hombre: vertido en todo un pueblo*”. (6:314) Em um artigo para *Patria*, de 1893, sobre seu herói paradigmático Simón Bolívar, Martí esclarecia que

*No es que los hombres hacen los pueblos, sino que los pueblos, con su hora de génesis, suelen ponerse, vibrantes y triunfantes, en un hombre. A veces está el hombre listo y no lo está su pueblo. A veces está listo el pueblo y no aparece el hombre. (8:251)*

Com todas essas citações queremos chegar à questão de como na cosmovisão martiana está presente a idéia de um movimento *ascensional*, já analisado anteriormente, que se aplica ao ser humano em geral e converge para os “homens-tocha”. Há no texto martiano,

entretanto, evidências que nos fazem crer que, segundo sua visão, nesse trajeto da imperfeição à perfeição, há estágios intermediários entre os dois pólos extremos *homem* e *natureza*. Percebe-se que na medida em que o referencial de análise se desloca da consideração de cada homem, individualmente, para o coletivo dos seres humanos ganha-se em equilíbrio, em harmonia. Por isso que a própria figura do “*pro-hombre*” (gênio ou herói) é valorizada positivamente quanto mais esse tipo especial de homem é capaz de “condensar” todo um povo. Resumindo essa visão, em um artigo para o jornal *La Nación*, de Buenos Aires, em 1886, o próprio Martí define um “pueblo” como “*un paso más dado hacia arriba por un concierto de verdaderos hombres*”. (10:376) Quanto mais se avança na consideração de uma coletividade, o julgamento martiano acerca dos homens tende a ser mais positivo, como podemos observar pelo que escreveu para *La Nación*, em 1885: “*Los hombres, uno a uno, son cosa triste de ver: en conjunto, admiran*”. (10:148) E em outro artigo para o mesmo jornal em 1888, escreve: “*El hombre es feo; pero la humanidad es hermosa*”. (11:383)

Em suma, não pode haver grandeza em homens desvinculados de seu povo ou de sua coletividade. Afastando-se de uma definição estritamente “biologista” e transcendental do homem, Martí incorpora uma dimensão histórica, segundo a qual a única maneira de ser um homem de todos os tempos, de passar à imortalidade, é ser um homem de seu próprio tempo<sup>8</sup>. (21:143) Num de seus apontamentos, Martí deixa expresso que “*Nada es un hombre en sí, y lo que es, lo pone en él su pueblo*”. (13:34) Os verdadeiros homens são “produtos, expressões e reflexos” de seu povo e de sua época.

## **A RELAÇÃO “HOMEM-NATUREZA”**

*“De la fealdad del hombre a la belleza Del Universo  
asciendo”.* (José Martí)

Quando nos referimos e analisamos a palavra-chave *universo*, identificamos algumas associações frequentes no texto martiano, tais como as noções de *unidade*, *síntese*, *essência*, *simplicidade*, *eterno*,

*infinito, analogia, harmonia, perfeição etc.* Quanto à palavra-chave *homem* e suas derivadas, percebemos a tendência martiana em associar algumas noções que marcam um sentido de certo contraponto à palavra-chave *universo* – e por extensão a seu sinônimo *natureza* -, por exemplo, quando relaciona homem com as idéias de *fragmento, múltiplo-variado, acidente, complexo, passageiro, finito, imperfeição etc.*

Como base nesse contraponto, o homem se vê inferiorizado e pequeno diante da natureza que o cria e mata; por isso, aspira, fundamentalmente, à felicidade e à imortalidade. (18:330) A existência humana é, portanto, com tudo ao que está associada, imperfeita: o único consolo do homem é poder assumir-se como parte integrante da natureza perfeita, harmônica e infinita. Assim, o homem encontra a natureza em si e nela encontra a si próprio, a partir da convicção de que há em ambos elementos e fins iguais. Cabe ao homem estudar a natureza para que conheça a si mesmo. A natureza é fonte de todo o conhecimento e o conhecimento da natureza são as “asas” dos homens. (8:278) Conhecer e confiar na harmonia da natureza dão à vida humana um outro sabor e sentido, ao afastar a tristeza. (23:328) Assim, os únicos momentos de felicidade absoluta são os de pleno desinteresse, de confusão do homem com a natureza. (19:369-370) A natureza é a grande escola. Martí considera as ciências naturais como “códigos de virtude”, na medida em que elas inspiram serenidade, justiça, fé e modéstia. O resultado desse estudo é que traz, por um lado, certo desconsolo ao espírito do homem pelo fato de que ele toma consciência de sua insignificância, se considerado em “si mesmo”. Por outro lado, todavia, traz o consolo e o ímpeto de ser membro e fazer parte da “obra universal” em que colabora. Tomar consciência da insignificância humana educa para a modéstia, que é a ante-sala da virtude e do amor. Assim, surge no discurso martiano uma consciência da imortalidade, já que coloca o homem em fusão com a natureza eterna. (8:433)

Entretanto, a realidade dessa relação entre homem e natureza torna-se mais complexa na sua historicidade. A presença e intervenção cada vez mais intensa do homem sobre os domínios da natureza leva a uma situação em que muitas vezes ele pode, com sua ação, interromper

o seu “curso majestoso” e natural, quando devia acompanhar em harmonia esse movimento. Em um de uma série de artigos que Martí escreveu para *La América*, de Nova York, sem data, ele afirma que essa intervenção humana na natureza acelera, muda e detém sua obra e, mais, que “...*toda la Historia es solamente la narración del trabajo de ajuste, y los combates, entre la Naturaleza extrahumana y la Naturaleza humana...*” (23:44)

Em um artigo em que faz uma análise semântica de alguns textos martianos, Franco Aviccolli considera que o homem e a natureza são os referentes conceituais e temáticos do mundo martiano e que a relação natural entre ambos, ou seja, entre a atuação do homem e os valores da natureza, é o que estabelece os valores próprios do homem e suas possibilidades de desenvolvimento. Por outro lado, tudo o que nega essa relação natural é causa de decadência. Para o autor, uma “ação agônica” se manifesta quando homem e natureza adquirem uma progressiva dimensão histórica<sup>9</sup>. (AVICOLLI: 1986, 107-140) Apesar de o homem estar integrado na harmonia natural como reflexo da criação, não implica que o equilíbrio das relações entre homem e natureza seja perfeito. Por outro lado, mesmo considerando as insuficiências e imperfeições inerente à natureza humana, Martí não deixou de situar o homem no centro de suas reflexões.

Cabe ressaltar, ao menos nesse aspecto das relações entre homem e natureza, uma evidente confluência entre o pensamento de Martí e o do escritor norte-americano, Ralph Waldo Emerson. Em seu artigo sobre a morte do autor de “*Nature*”, publicado em *La Opinión Nacional*, de Caracas, em 1882, Martí realiza, na verdade, uma espécie de autoprojeção sobre tal obra, ativando nela aqueles elementos do ideário de Emerson que se aproximam mais da sua própria maneira de encarar o homem e a natureza. Em suma, ele identifica na obra e nos caracteres de Emerson muito de seu próprio pensamento. Destacamos alguns desses elementos, em especial a tese emersoniana da fusão entre homem e natureza. O escritor norte-americano vê aí, segundo Martí, uma relação de coincidências e inter-influências recíprocas. Para Martí, Emerson recupera o homem e o coloca no papel de “*co-rey*” da natureza. Não estabelece

distinção entre o físico e o moral e considera que tudo é idêntico e tem o mesmo fim. Para ele, cada homem – como todas as coisas criadas - tem em si o criador e que, por isso, tudo irá confluír no seio do “Espírito Criador”. (13:24) Considera, ainda, que a natureza inspira, consola e prepara o homem para a virtude e que esse homem só se encontra completo na sua íntima relação com a natureza.

Numa palavra, a visão martiana da natureza, de traços nitidamente românticos, tende a idealizá-la em sua harmonia e perfectibilidade com um viés espiritual típico de sua formação filosófica. E essa natureza assim idealizada, com toda sua autoridade e legitimidade, tende a transformar-se numa referência moral de justiça e harmonia para o conjunto dos homens. Assim, a conduta humana para Martí há de guiar-se em última instância - o que nem sempre ocorre - pelos valores que ele próprio acaba por conferir à natureza.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Este texto é fruto das investigações relativas ao projeto de pesquisa em nível de doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília e constitui-se de uma parte adaptada da tese do autor intitulada “*América para a humanidade: o americanismo universalista de José Martí*”.

<sup>2</sup> Como a ampla maioria das citações de José Martí empregadas neste trabalho se referem à última edição das suas Obras Completas, utilizaremos como padrão de referência, no âmbito desse trabalho, entre parênteses, respectivamente, o volume e a página da citação, exceto obviamente nos casos em que a fonte se refere à outra publicação.

<sup>3</sup> Anuario del Centro de Estudios Martianos, *Centro de Estudios Martianos*, N. 2, *La Habana*, 1979, p. 5.

<sup>4</sup> Este tema foi estudado com maior profundidade por José Olivio Jiménez em *La raíz y el ala: aproximaciones críticas a la obra literaria de José Martí*, Pretextos, Valencia, 1993.

<sup>5</sup> JIMENEZ GRULLÓN, Juan J. *La filosofía de José Martí*, Santo Domingo, República Dominicana, Editorial Santo Domingo, 1986, p. 60.

- <sup>6</sup> “Nossa existência é artificial. (...) Flaubert tenta colocar ante esta vida imposta e convencional a vida simples e corrente da natureza”. (*Tradução de ERC*)
- <sup>7</sup> *Anuario Martiano*, Sala Martí de la Biblioteca Nacional de Cuba, N. 2, La Habana, 1970, pp. 111-113.
- <sup>8</sup> Segundo Noël Salomon, “*No solo en cuanto al pasado sino también por lo que al futuro se refiere, José Martí establece la necesidad de la adecuación entre individuo y grupo. Ya vimos su fe en la eternidad metafísica del “alma individual”. Si negar la importancia del tema de la “salvación” personal merecen interés especial los textos de José Martí donde aparece una concepción de la inmortalidad terrestre del hombre mucho más relacionada con la historia colectiva, que no con el tema de la “salvación” individual tan acentuado en el catolicismo desde San Agustín.*” (SALOMON, Noël. “En torno al idealismo de José Martí”, en *Anuario del Centro de Estudios Martianos*, Centro de Estudios Martianos, N. 1, La Habana, 1978, pp. 41-58).
- <sup>9</sup> AVICOLLI, Franco. “Análisis semántico de cuatro textos martianos”, en *Anuario del Centro de Estudios Martianos*. Centro de Estudios Martianos, N. 9, La Habana, 1986, pp. 107-140.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anuário Martiano*, 7 vols., publicado pela *Sala Martí da Biblioteca Nacional de Cuba*, Havana-Cuba, 1969 a 1977.
- Anuário del Centro de Estudios Martianos*, 16 vols., publicado pelo *Centro de Estudios Martianos*, Havana-Cuba, 1977 a 1997.
- AVICOLLI, Franco, “Análisis semántico de cuatro textos martianos”, en *Anuario del Centro de Estudios Martianos*, Centro de Estudios Martianos, N. 9, La Habana, 1986, pp. 107-140.
- JAVIER MORALES, Carlos, *La poética de José Martí y su contexto*, Madrid, Editorial Verbum, 1994.
- JIMENEZ GRULLÓN, Juan J. *La filosofía de José Martí*, Santo Domingo, República Dominicana, Editorial Santo Domingo, 1986, p. 60.
- MARTÍ, José, *Obras Completas*. 27 tomos. Segunda edición. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975, Primera edición publicada por la Editorial Nacional de Cuba, en coordinación con la Editora del Consejo Nacional de Cultura y la Editora del Consejo Nacional de Universidades, La Habana, 1963-1965.

SALOMON, Noël, “En torno al idealismo de José Martí”, en *Anuario del Centro de Estudios Martianos*, Centro de Estudios Martianos, N. 1, La Habana, 1978, pp. 41-58.

TOLEDO, Josefina, “En torno a la relación hombre-naturaleza en José Martí”, en *Anuario del Centro de Estudios Martianos*, Centro de Estudios Martianos, N. 16, La Habana, 1993, pp. 143-158.